



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

## Release

### **Pesquisa revela que categoria de gênero influenciou a mídia na cobertura da crise que provocou queda da Dilma**

Com o título Tchau Querida, artigo trata de questões de gênero na cobertura da mídia sobre o governo Dilma Rousseff

Ruy Bucar, 606 MTB -GO

Um estudo corajoso, ousado e criterioso chega à conclusão que a categoria de gênero influenciou a mídia na cobertura da crise que levou ao impeachment da presidente Dilma Rousseff, em 2016. O estudo está fundamentado em vasta documentação recolhida junto aos veículos de comunicação durante os últimos dois anos de mandato da primeira mulher a ocupar a presidência da república do Brasil. O resultado do trabalho é uma formidável provocação sobre a necessidade de uma reflexão sobre o papel da mídia que até aqui tem atuado como instrumento poderoso de alijamento da mulher do espaço político.

O trabalho desenvolvido pelas pesquisadoras Fernanda Argolo Dantas, doutoranda em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Linda Oliveira Rubin, que possui pós-doutorado em Política e Gestão da cultura pela Universidade San Martin e em Comunicação e Gênero com ênfase em cinema pela Universidade de Buenos Aires, aborda questões de gênero na cobertura da mídia sobre o governo Dilma. O artigo reflete sobre o modo como a categoria gênero interfere no enquadramento da mídia sobre as mulheres políticas, em especial na cobertura da imprensa sobre a crise do governo Dilma Rousseff.

As pesquisadoras explicam que a investigação buscou por meio de método documental avaliar de que modo a categoria gênero permeia a narrativa dos meios de comunicação sobre Dilma Rousseff. Para tanto, segundo elas, foram utilizadas notas da imprensa brasileira, matérias telejornalísticas e dados de organizações de monitoramento de mídia. O levantamento inclui ainda como base de análise mais dois casos de mulheres no comando do poder em seus países na América do Sul, Michele Bachelet, no Chile e Cristina Kischner, na Argentina. As três ao chegarem ao poder geraram-se ao menos duas expectativas: a de potencialização da representação política feminina e também de reconfiguração do imaginário simbólico sobre as mulheres no poder.

“Os estereótipos mais comuns são facilmente identificados e saltam aos olhos em uma folheada das revistas, mas o que a crise das presidentas da América do Sul enfatizou é que a narrativa por vezes transcende a estética e recai em uma avaliação de desempenho baseada em características próprias das mulheres, ou seja, em associações entre gênero e desempenho em determinadas atividades”, diz o levantamento inicial que é parte de uma pesquisa que avalia o impacto da categoria gênero na inserção das mulheres ao campo político, com estudo de caso referente à cobertura de imprensa do processo de impeachment da presidenta Dilma, observando-se a partir de matriz teórica feminista, a eventual associação realizada, especialmente pela mídia, entre o gênero e desempenho no campo político.

### **Caso Dilma**

A pesquisa constata que desde a campanha que se detecta nos produtos dos meios de comunicação suspeição sobre a capacidade das três candidatas para o mais alto cargo do Executivo. Os conteúdos frequentemente desabonavam as candidatas desqualificando-as enquanto sujeitos portadores



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

de autonomias, mas como fantoches dos presidentes em exercício. Nos últimos dois anos de mandato as críticas se intensificaram. É curioso observar que veículos distintos em épocas diferentes deram a mesma manchete para as três presidentas. “A solidão de Cristina”, **O Globo**, outubro de 2012; “A solidão de Dilma Rousseff”, capa revista **Época**, abril de 2016; “A solidão de Michelle Bachelet”, **FolhaBlog**, agosto de 2016.”

“A experiência da primeira mulher presidente da república brasileira, apesar da marca simbólica inicial, não se converte em quebra real dos estereótipos que demarcam a atuação das mulheres no espaço público, tampouco promove uma institucionalidade mais favorável à participação feminina. Ao contrário, a passagem de Dilma Rousseff pela presidência da república brasileira expôs as fragilidades do processo de inserção das mulheres ao campo político, em diferentes frentes”, destacam as pesquisadoras, apontando que do ponto de vista discursivo temos o embate pela flexão de gênero; depois o descompasso com a institucionalidade vigente e os desentendimentos com os políticos profissionais; a dificuldade de legitimar sua voz, de representar material e simbolicamente uma liderança. Neste processo a mídia atuou como um instrumento poderoso de oposição, em favor do *establishment*, e pelo afastamento das mulheres do espaço político.

#### **Como Citar a pesquisa**

DANTAS, Fernanda Argolo; RUBIM, Linda Oliveira. TCHAU QUERIDA: Questões de gênero na cobertura da mídia sobre o governo Dilma. **Revista Observatório**, Palmas, v. 4, n. 1, p. 466-491, jan. 2018. ISSN 2447-4266. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3299>>. Acesso em: (data de acesso). doi: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p466>.